

## APRESENTAÇÃO

**E**ste número especial da Revista DELTA homenageia o **Professor Aryon Dall’Igna Rodrigues**, falecido no dia 24 de abril de 2014, em Brasília, encerrando-se, aos 88 anos, uma intensa vida profissional dedicada, principalmente, à pesquisa e ao ensino no campo das línguas indígenas brasileiras. Tendo publicado seu primeiro artigo, sobre a língua Kiriri, já aos 17 anos, seguem-se, ao longo de mais de 70 anos, cerca de 150 trabalhos e mais de 60 dissertações de mestrado e teses de doutorado orientadas, praticamente todos sobre as **línguas brasileiras**, título de seu primeiro livro, de 1986, selecionado pela Câmara Brasileira do Livro entre os cem mais importantes do século XX.

Reúnem-se, para esta homenagem, 2 artigos ainda inéditos do Professor e uma entrevista feita com ele no ano 2000, seguindo-se 11 artigos de estudiosos das línguas brasileiras, avaliando a sua importância para o estudo dessas línguas, bem como oferecendo análises que dialogam com propostas suas sobre aspectos da gramática e da classificação de línguas e famílias sobre as quais se debruçou. Entre os articulistas, encontram-se linguistas representativos das universidades em que trabalhou, ex-alunos, colegas e familiares seus, todos unânimes em reconhecer a importância do Professor, em seus campos de estudo.

O número abre com a voz do professor: dois artigos inéditos seus e uma entrevista. O primeiro artigo, que versa sobre a influência de línguas indígenas no português, foi produzido durante o período em que o professor pertenceu à Universidade de Campinas, tendo sido redigido originalmente em inglês, provavelmente para uma apresentação para o público geral na *Cornell University*, em 1981. Trata-se de um texto em que Aryon discorre brevemente sobre a influência, principalmente, do Tupinambá sobre o português a partir dos primeiros

contatos entre as duas línguas, no século XVI. Aryon situa a influência no âmbito dos empréstimos lexicais, concluindo, cuidadosamente que, para se estabelecer, de fato, influências fonológicas ou gramaticais de línguas indígenas sobre o português seriam necessários estudos comparando dados de línguas indígenas com dados de variantes do português brasileiro.

“Endangered languages in Brazil” foi a conferência proferida pelo Professor Aryon Rodrigues no *Symposium on Endangered Languages of South America* na Rijks Universiteit Leiden, na Holanda, em 02 de dezembro de 1993. Apesar de 20 anos passados, o discurso claro e lúcido permanece atual e revelador da situação das línguas ameaçadas no Brasil. O Professor inicia sua fala pontuando o papel da língua no percurso da construção do humano, em que pesa a experiência e a adaptação do homem no mundo, o armazenamento e a organização de seu conhecimento, além da expressão e do acesso de sua cultura. Em face disso, ele chama a atenção para o aspecto dominante e predatório do ‘espírito imperialista’ moderno que, em larga proporção, impediu a coexistência pacífica, levando à destruição, em vários lugares, da diversidade genética e cultural então existente no planeta. Em seguida, o Professor reflete sobre a situação linguística no território brasileiro, mencionando, no percurso histórico, o apagamento de mais de 75% das línguas indígenas, desde o início da colonização. A relevância do estudo das línguas indígenas brasileiras para o desenvolvimento do conhecimento linguístico é um tópico abordado e exemplificado, através da menção de aspectos fonológicos e gramaticais peculiares a algumas dessas línguas. O percurso histórico da pesquisa programática das línguas indígenas no Brasil, desde o seu início, em meados dos anos 40 do século passado, até a situação vigente na década de 80 do mesmo século, é um tema também presente, que direciona o último assunto da conferência: a necessidade da cooperação internacional. Cumpre registrar, ao final, que o esforço inegável de Aryon para o avanço dos estudos linguísticos indigenistas no País foi decisivo para a crescente alteração do quadro. Seu empenho derivou frutos importantes, em especial a partir do “Programa de Pesquisa Científica das Línguas Indígenas Brasileiras” /PPCLIB (1997), liderado por ele e patrocinado pelo CNPq e pela FINEP, o qual foi encampado por praticamente todos os linguistas indigenistas do Brasil. A partir deste programa pioneiro, frequentemente citado como exemplo de uma área da Linguística que

logrou se estruturar, o número de menos de 30 estudiosos das línguas indígenas brasileiras, nos anos 80, passou a mais de 150 pesquisadores. E esse número continua crescendo. Os mais jovens pesquisadores seguem abrindo novos caminhos em instituições de ensino e pesquisa localizadas em vários estados do País. Apesar da notável melhoria, vale lembrar que o Professor permaneceu enfatizando até o final de sua trajetória acadêmica, a necessidade continuada e urgente do registro, da documentação e do estudo das línguas indígenas brasileiras.

Encerrando esta primeira parte do presente número especial, em que temos a chance de ler palavras inéditas de Aryon Rodrigues, apresenta-se uma entrevista feita com ele por Elder José Lanes (UFRR), por ocasião do XV Encontro Nacional da ANPOLL, em Niterói, no ano 2000. Como avalia o entrevistador, trata-se, praticamente, de uma aula particular informal e bem humorada concedida ao então mestrando, no pátio da Universidade Federal Fluminense, durante intervalo do Encontro. Elder editou pouco a gravação para que possamos “reconhecer e recordar” a conversa “saborosa” do Professor.

O artigo que abre a seção de contribuições de outros autores, neste número especial, é de Daniele Grannier, linguista da UnB e esposa do Professor por 33 anos. A autora recorda a trajetória de Aryon Rodrigues, que se confunde com a própria história da disciplina linguística, no Brasil. A prosa clara de Daniele nos leva a apreciar, com vista privilegiada, desde os primeiros ensaios na linguística do menino Aryon, que publica, aos 14 anos, no jornalzinho da escola secundária, um artigo sobre a língua Tubinambá, até as últimas palavras escritas em seu computador, em 2013. Naturalmente, nomes em língua Tupi.

O artigo de Wilmar da Rocha D’Angelis, da Unicamp, também rememora momentos da vida e do percurso acadêmico de Aryon Rodrigues, evocando fatos a ele relatados pelo Professor, tais como o início da constituição do seu acervo bibliográfico, com o presente feito pelo pai de Aryon ao menino de 15 anos, da segunda edição da obra “O Selvagem”, de Couto de Magalhães. D’Angelis recorda ainda a criação do Instituto Aryon Dall’Igna Rodrigues, uma ONG criada em 2013 para reunir o acervo documental e bibliográfico do Professor, de que foi o primeiro presidente.

O artigo que se segue é assinado por Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, professora da UnB, em coautoria com Andrébio Márcio Silva

Martins, Beatriz Carretta Corrêa da Silva, Sanderson Castro Soares de Oliveira, ex-alunos do Professor Aryon, que desenvolveram teses sobre reconstrução histórica de línguas indígenas ou sobre relações genéticas dessas línguas, no âmbito do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas, o LALLI, grupo de pesquisa fundado pelo Professor, em 1999. O artigo destaca a contribuição pioneira de Aryon Rodrigues na constituição de um tronco Tupi, utilizando o método léxico-estatístico, ainda na década de 1950. Percorremos, através de dados de línguas Tupi, cuidadosamente selecionados pelos autores, os desdobramentos da hipótese inicial de Aryon Rodrigues em relação aos agrupamentos e subagrupamentos de línguas e famílias, no Tronco Tupi, chegando até os estudos de reconstrução da fonologia e gramática do Proto-Tupí, tarefa a que o Professor dedicou a última década de sua vida.

O artigo de Marília Facó Soares e de Fernando Orphão de Carvalho, do Museu Nacional (UFRJ), instituição com a qual o Professor contribuiu significativamente, na década de 1960, na fundação de seu programa de pós-graduação em Linguística, revisa detalhadamente a argumentação de Aryon Rodrigues em defesa de suas hipóteses sobre as línguas Tupi-Guarani e Macro-Jê, bem como sobre os vínculos de longa distância entre Tupí e Caríb. Revisitando cuidadosamente essas hipóteses, o artigo deixa claro porque a obra de Aryon Rodrigues pode ser considerada como a principal referência dos estudos de línguas indígenas, no Brasil. Ressaltando a recorrência do uso do método histórico-comparativo, central em Linguística Histórica, na obra de Rodrigues, os autores demonstram que as hipóteses entretidas por Rodrigues estabelecem quase sempre a pauta das pesquisas nas diferentes áreas em que atuou e orientou, mantendo sempre o seu valor, mesmo quando sua validade é questionada até pelo próprio Rodrigues. Ao fim do artigo, fica-se com o perfil de um cientista de primeira grandeza, formulador de hipóteses originais e ousadas, capaz de rever seus argumentos, em busca de soluções de análise com maior poder explicativo.

Em “Aryon Rodrigues e as línguas gerais na historiografia linguística”, Consuelo Alfaro Lagorio (UFRJ) e José Bessa Freire (UNIRIO-UERJ) avaliam as contribuições de Aryon Rodrigues para os estudos sobre a formação, expansão e declínio das línguas gerais no Brasil. Segundo os autores, as línguas gerais brasileiras só se tornaram, de fato, um objeto de estudo, a partir dos primeiros trabalhos de Rodrigues que, herdeiro da

tradição tupinológica, soube avançar e estabelecer a abordagem dessas línguas através de sistema conceitual explícito, o que permitiu avaliar adequadamente o seu funcionamento, mapear seu percurso histórico e sua extensão. O próprio termo “língua geral”, de uso como nome comum, em documentos do período colonial, é retomado por Aryon, agora, como nome próprio, a partir do livro *Línguas Brasileiras*, de 1986.

O texto “O conceito de ‘língua geral’ à luz dos dicionários de língua geral existentes” de Wolf Dietrich, hoje professor na Universidade Federal do Paraná, instituição em que Aryon Rodrigues realizou seus primeiros estudos universitários, inicia reconhecendo, como o fazem Bessa Freire & Alfario Lagorio, a importância e a utilidade da definição do termo “língua geral”, proposta em Rodrigues (1996). O autor dedica, então, todo o seu artigo a desenvolver análises minuciosas de três dicionários de língua geral amazônica, um deles apenas muito recentemente descoberto na Biblioteca Municipal de Trier, na Alemanha.

Ainda sobre o tema das línguas gerais, Ruth Monserrat (UFRJ) e Cândida Barros (Museu Goeldi), em “A Língua Geral como código secreto de comunicação entre jesuítas” apresentam uma tradução para o português e uma instigante análise de um manuscrito de 1759, escrito em língua geral e que compõe o acervo documental do jesuíta alemão Anselm Eckart. Partindo de uma revisão de Rodrigues (1996), as autoras analisam as marcas de mudanças estruturais comuns às línguas gerais presentes no documento, passando, em seguida, a uma avaliação detalhada de suas marcas textuais, comparando, inclusive, uma carta em latim do mesmo autor com o documento que examinam. A interessante conclusão a que chegam é a de que o documento intitulado “Memória em língua parece Tapuya” é uma peça de comunicação clandestina entre os jesuítas Antônio Moreira e Anselm Eckart, redigida em língua geral como forma de não serem compreendidos por funcionários da administração pombalina, que os vigiavam no Colégio de Braga, Portugal.

No artigo “Nem eu, nem você e nem ele: o morfema relacional em hierarquia de pessoa e marcação diferenciada de objeto no Kadiwéu”, Filomena Sandalo avança a interpretação do fenômeno de concordância nessa língua, pertencente à família Guaikurú, a partir da reflexão do conceito de prefixo relacional no Tupinambá, apresentado por Aryon Rodrigues, em seu trabalho intitulado “You and I = neither you nor I: the personal system of Tupínambá”, publicado em 1990. Além da

neutralização dos traços de primeira e segunda pessoa, que definem a concordância do relacional com o objeto de terceira pessoa, conforme o proposto por Aryon Rodrigues, Filomena Sandalo considera que, no Kadiwéu, a neutralização ocorre integralmente, consistindo em um fenômeno morfofonológico de concordância sem traços de pessoa, ou seja, tratando-se de uma concordância sub-especificada. Sua interpretação sobre o Kadiwéu coincide com análise de Arregi e Nevins (2007) para o fenômeno observado no espanhol. No artigo, Filomena Sandalo apresenta os resultados do estudo realizado em narrativas do Kadiwéu, em que o comportamento da hierarquia de pessoa desfaz a alternativa de se interpretar o fenômeno como de base morfossintática. Ao lado da neutralização, o artigo considera a ideia de focalização, também presente no trabalho de Aryon Rodrigues, assumindo-a como um fenômeno de deslocamento à esquerda do objeto, de acordo com a perspectiva da Morfologia Distribuída encontrada em Halle & Marantz (1993).

As categorias discursivas de Tópico e Foco nas línguas Asurini do Trocará e Tupinambá, ambas pertencentes à família Tupi-Guarani, são objeto de atenção do artigo de Marcia Maria Damaso Vieira. A autora salienta que a identificação de tais categorias não é de fácil apreensão nessas línguas pelo fato de elas apresentarem ordem oracional livre. Para propiciar a análise das construções em que ocorrem os fenômenos discursivos mencionados, Marcia Maria Damaso Vieira se baseia nos estudos de Rizzi (1997, 2004), que consideram a periferia esquerda da oração, e retoma o trabalho fundamental de Rodrigues (1990) sobre o assunto, no qual um tipo de foco no Tupinambá é relatado. Fenômenos de foco e tópico, em geral, são ainda pouco explorados nos estudos das línguas indígenas brasileiras, de forma que o estudo de Vieira, além de oportuno, alarga o conhecimento das línguas em questão, evidencia a contribuição de Aryon Rodrigues nos estudos do Tupinambá, bem como reflete sobre o papel desse estudioso na consolidação da linguística indígena brasileira.

Lucy Seki nos apresenta um estudo das construções com gerúndio no Kamaiurá, uma língua Tupi-Guarani. Trata-se de uma forma largamente observada em línguas da família, tendo sido identificada como Gerúndio já no século XVI, na gramática de Anchieta. A autora cita as análises propostas para línguas aparentadas, incluindo o trabalho de Aryon Rodrigues de 1953, quem também analisou o fenômeno no Tupi-

nambá. O estudo do Kamaiurá adota a abordagem funcional-tipológica e se limita ao nível da sentença. As construções com o Gerúndio são funcionalmente variadas. Esse verbo segue, predominantemente, outra palavra verbal com a qual parece formar uma construção do tipo serial. No artigo, Lucy Seki apresenta em detalhe os quatro tipos de expressões gerúndiais, formadas com diferentes subclasses de verbos, e discute o seu estatuto sintático a partir do seu comportamento estrutural e das funções morfossintáticas a ele atreladas.

O artigo “Onsets and syllable prominence in Umutina”, de Leo Wetzels, Stella Telles e Ben Hermans, encerra esse número em homenagem ao Professor Aryon D’Alligna Rodrigues, discutindo um fenômeno pouco atestado interlinguisticamente. Os autores apresentam uma análise nessa língua, em que o *onset* tem papel fundamental na atribuição do acento. A proeminência se encontra em sílaba cujo *onset* porta menor sonoridade. Alternativamente à interpretação de que consoantes de baixa soância adicionam proeminência por meio do peso, a proposta no artigo é a de que a relativa proeminência provem da maior diferença de sonoridade observada entre o *onset* e o núcleo.

Marcus Maia (UFRJ/CNPq)

Stella Telles (UFPE/CNPq)

## Referências bibliográficas

- ARREGI, Karlos & NEVINS, Andrew. 2007. Obliteration vs. Impovirement in the Basque g-/z- constraint. Penn working papers in linguistics. *Philadelphia*, v. 13.1: 1-14.
- HALLE, Morris & Alec MARANTZ. 1993. A. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: Kenneth HALE & Jay KEYSER (eds.). *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.
- RIZZI, Luigi. 1997. The Fine Structure of the Left Periphery. In: Lilianne Haegman (org.). *Elements of Grammar: Handbook of Generative Syntax*. Kluwer: Dordrecht.
- \_\_\_\_\_. 2004. Locality and Left Periphery. In: A. BELLETTI (ed.). *Structures and beyond: cartography of syntactic structures*. Vol. 2. Oxford: Oxford University Press.
- RODRIGUES, Aryon. 1953. *Morfologia do Verbo Tupi*. Separata Letras No 1. Curitiba.

- \_\_\_\_\_. 1986. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola.
- \_\_\_\_\_. 1990. You and I=neither You nor I: the personal system of Tupinambá. In: Doris PAYNE (ed.), *Amazonian Linguistics: studies in lowland South America*. Austin: University of Texas Press.
- \_\_\_\_\_. 1996. As línguas gerais sul-americanas. *Papia* 4,2: 6-18.